

o mundo crítico

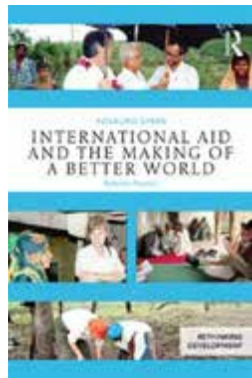
Revista de
Desenvolvimento
e Cooperação

n.3
Jan 2019



Cooperação para o
Desenvolvimento:
interesses nacionais
ou agenda do bem
comum?

International Aid and the Making of a Better World – Reflexive practice



Eyben, Rosalind
Routledge, 2014

CARMELIZA ROSÁRIO

No seu livro *International Aid and the Making of a Better World*, Rosalind Eyben propõe-se, através da sua experiência pessoal, reflectir de modo crítico sobre as práticas de ajuda e cooperação internacional. A formulação do título sugere que o único fim

para a cooperação internacional é o de melhorar o mundo. Como originária de um país beneficiário de apoio, o meu entendimento é que nem sempre o apoio internacional leva a um mundo melhor ou tem sequer essa intenção. Ao invés disso, é sentido como uma imposição de dinâmica perversa e insensível às perspectivas daqueles a quem se propõe ajudar. Como tal, foi com suspeição que iniciei a leitura desta obra, temendo um excesso de *naivité* por parte da autora.

O argumento principal é que “a prática reflexiva é a fundação dessa contribuição.” Em outras palavras, quanto mais consciente o profissional da ajuda internacional é das suas intenções e propósitos, bem como do seu contexto histórico pessoal e da sua profissão, melhor este pode contribuir para “a mudança que quer ver no mundo.” Ao usar a sua experiência pessoal, Eyben pretende “explorar a interacção entre, por um lado, o contexto histórico mais amplo que forma os propósitos e perspectivas dos profissionais [da ajuda internacional], e por outro lado, as acções que têm tentado influenciar de que forma o mundo irá mudar.” A autora clarifica que a sua intenção não

é discutir se as intervenções de ajuda internacional são eficazes, e declara-se crítica das práticas das agências de desenvolvimento.

Eyben tem três décadas de experiência como profissional da ajuda internacional, formação de base em antropologia e uma carreira como académica do desenvolvimento. A autora atribui a raiz da sua relação com a justiça social e a sua vontade de mudar o mundo, ao passado de esquerda activista e sindical dos seus pais. Menciona apenas superficialmente a sua posição de privilégio e poder como europeia, e cidadã de uma antiga colónia. Esta é, possivelmente a posição que lhe confere mais desconforto, que Eyben tenta contrabalançar com o reforço de uma educação centrada no combate à desigualdade. Apesar do esforço honesto de Eyben, permaneci com a sensação que a autora tem um certo complexo de salvador, dentro de um transmorfismo perverso continuador da missão civilizadora colonial. Num claro exemplo, ela celebra ter uma melhor consciência do seu privilégio a ajudou a “ajudar mulheres a tornarem-se fortes,” no que Syed e Ali (2011¹) aludem ser o “fardo da mulher branca”, de que Eyden não

parecer ter consciência ou introduzir no seu olhar crítico.

A obra corre ao longo de nove capítulos discutindo diferentes tópicos, e seguindo uma ordem cronológica, dos anos 60 aos dias de hoje. Eyben apresenta a história da ajuda internacional; discute as implicações da interacção entre a vida pessoal e profissional; discute a forma como o enquadramento institucional limita a forma do profissional de ajuda internacional ver o mundo; fala das mudanças operadas nos profissionais de desenvolvimento social, em função de mudanças de políticas de ajuda internacional; confronta-se com a perspectiva do “outro” sobre si; advoga por um impacto pessoal maior, através do uso da abordagem reflexiva; e reflecte sobre as limitações contemporâneas de contribuir para uma real mudança.

Eyben insiste que o exercício de reflexividade pode ajudar o profissional de ajuda internacional a realizar o seu trabalho com mais impacto e contribuir para um mundo melhor, através de consciência histórica, reconhecimento das relações de poder, abertura para o diálogo e aceitação das contradições do sector. A autora termina descrevendo uma visita ao

Burundi em 2012, o país onde conduziu o seu trabalho de campo como estudante e onde perdeu amigos no massacre de 1972. Ela reconhece o potencial de re-eclosão de violência, mas descreve o país como “uma democracia, e uma na qual as mulheres são participantes activas.” Nem 3 anos após essa visita, a democracia burundesa está reemersa em crise e violência. Este exemplo deixa-me cética sobre a capacidade de mesmo o profissional mais consciente ter a capacidade de entender em pleno o contexto a que se propõe “ajudar.” A maior limitação é a rede reduzida de actores locais a que tem acesso, aos diálogos honestos que poderá conduzir e a dependência excessiva de actores políticos em sociedades profundamente desiguais.

No geral, a obra segue um fio de pensamento claro, se simplista na sua linearidade. A linguagem é acessível, propositadamente pedagógica, ainda que escamoteando a complexidade do contexto e da diversidade da cooperação internacional. A obra não será de interesse para disciplinas clássicas como a Antropologia ou Sociologia. No entanto, tem valor para profissio-

nais e académicos do desenvolvimento, especialmente em início de carreira. Não será a melhor obra que li sobre o tema. Saio da sua leitura com demasiado distanciamento, e sem ter conseguido estabelecer um elo significativo com o conteúdo. Entretanto, interrogo-me se não será devido à minha própria posição crítica e preconceito em relação à indústria do desenvolvimento. Neste ponto, a autora consegue a sua intenção, não de mudar a minha opinião, mas plantar uma semente para futura reflexão.

¹ Syed, J., & Ali, F. (2011). The White Woman's Burden: from colonial civilisation to Third World development. *Third World Quarterly*, 32(2), 349–365. <https://doi.org/10.1080/01436597.2011.560473>

Notre Maison Brûle au Sud: que peut faire l'aide au développement?



Serge Michailof e Alexis Bonnel
Fayard/Commentaire, 2010

Africanistan: L'Afrique en crise va-t-elle se retrouver dans nos banlieues?



Serge Michailof
Fayard, 2015

A leitura dos livros de Serge Michailof – “Notre Maison Brûle au Sud: que peut faire l'aide au développement?”¹ (2010) e “Africanistan: L'Afrique en crise va-t-elle se retrouver dans nos banlieues?”² (2015) – dão-nos, de um modo bastante fundamentado, argumentos para uma reflexão sobre o presente e o futuro da cooperação para o desenvolvimento, o tema deste número do Mundo Crítico. Partindo da sua larga experiência, como docente e investigador, como colaborador da ADF – a Agência Francesa para o Desenvolvimento – e do Banco Mundial e consultor de diversos governos africanos e instituições internacionais, o autor traz-nos, através de inúmeros casos, um olhar bastante realista sobre as oportunidades e os processos de desenvolvimento dos países em desenvolvimento, em particular dos estados frágeis, no contexto da agenda internacional da ajuda ao desenvolvimento.

A *Nossa Casa Arde ao Sul* (1ª edição da versão francesa), com base numa análise elaborada, despida de preconceitos e de um “modismo” – o do fim da ajuda ao desenvolvimento, pois destina-se a alimentar governos corruptos³ –, defende uma renovação de priori-